

PERFIL DO COLHEADOR DE CITROS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Celma da Silva Lago Baptistella¹
Francisco Alberto Pino²
Antonio Ambrosio Amaro³
Vera Lúcia Ferraz dos Santos Francisco⁴

1 - INTRODUÇÃO

O colhedor de frutas cítricas representa importante e imprescindível personagem na agroindústria cítrica em São Paulo, sobre o qual boa parte da escassa informação disponível é baseada em estudos regionais e, por vezes, em opiniões e especulações. Constituem exceção as séries de dados divulgadas pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), principalmente quanto a rendimento do trabalho e salários pagos aos colhedores empregados em algumas culturas, dentre as quais a da laranja.

Atualmente, encontra-se em desenvolvimento no Centro do Trabalho Rural, do IEA, uma pesquisa sobre o colhedor de laranja, sendo o objetivo deste artigo antecipar alguns de seus resultados. Detalhes sobre o esquema amostral e sobre os resultados poderão ser obtidos em BAPTISTELLA (1996) e BAPTISTELLA; PINO; FRANCISCO (1996). Sem ser exaustivo, espera-se contribuir com elementos que permitam conhecer melhor a força de trabalho empregada na citricultura, bem como entender melhor como certas políticas e decisões de contratação poderão afetar os colhedores de laranja.

2 - MATERIAL E MÉTODO

A pesquisa baseia-se em levantamento no campo, na região citrícola do Estado de São Paulo (Figuras 1 e 2), mediante entrevistas com os colhedores de laranja, para produção de suco

concentrado congelado no Estado de São Paulo, na safra 1994. Foram contabilizados 42.923 colhedores, reunidos em 1.455 turmas, ligadas às onze empresas processadoras de suco concentrado congelado, com média de 30 colhedores por turma, mínimo de 20 e máximo de 35 pessoas (Tabela 1). Duas outras empresas foram excluídas do estudo: a Central Citrus Indústria e Comércio Ltda e Royal Citrus Ltda, que trabalharam com fruta-posta fábrica.

Utilizou-se uma amostra estratificada, em dois estágios, com conglomerados desiguais (KISH, 1965). A população foi estratificada por empresa, isto é, cada empresa constituiu um estrato. No primeiro estágio, dentro de cada estrato (empresa), sortearam-se ao acaso conglomerados (turmas = empreiteiros). No segundo estágio, dentro dos conglomerados (turmas = empreiteiros) também ao acaso sortearam-se colhedores (unidade amostral).

3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

As turmas de colheita são formadas em média por 29 pessoas, sendo mais comum (moda) 30 pessoas por turma, que são distribuídas pelo pomar logo pela manhã, a fim de exercerem suas tarefas, munidos de sacolas especiais para colheita e escadas para apanhar as frutas nas árvores. O rendimento médio, em 1994, dos colhedores de todas as empresas foi de 80 caixas de 25kg por dia, variando de 60 a 101 caixas a média por empresa.

A quantidade média colhida depende de vários fatores, sendo o principal a condição do pomar (plantas com boa produtividade, sem mato nas ruas e ao redor das árvores, facilitam o acesso e o deslocamento). Dentre outros fatores que podem ser também citados estão as condições climáticas, o tipo de colheita a ser feita (caso de repasse de pomar) e a disponibilidade de recipientes para colocação das frutas enquanto aguardam para ser transportadas.

¹Sociólogo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

²Engenheiro Agrônomo, Dr., Pesquisador Científico do Gabinete do Secretário de Agricultura e Abastecimento.

³Engenheiro Agrônomo, Dr., Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

⁴Estatístico, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

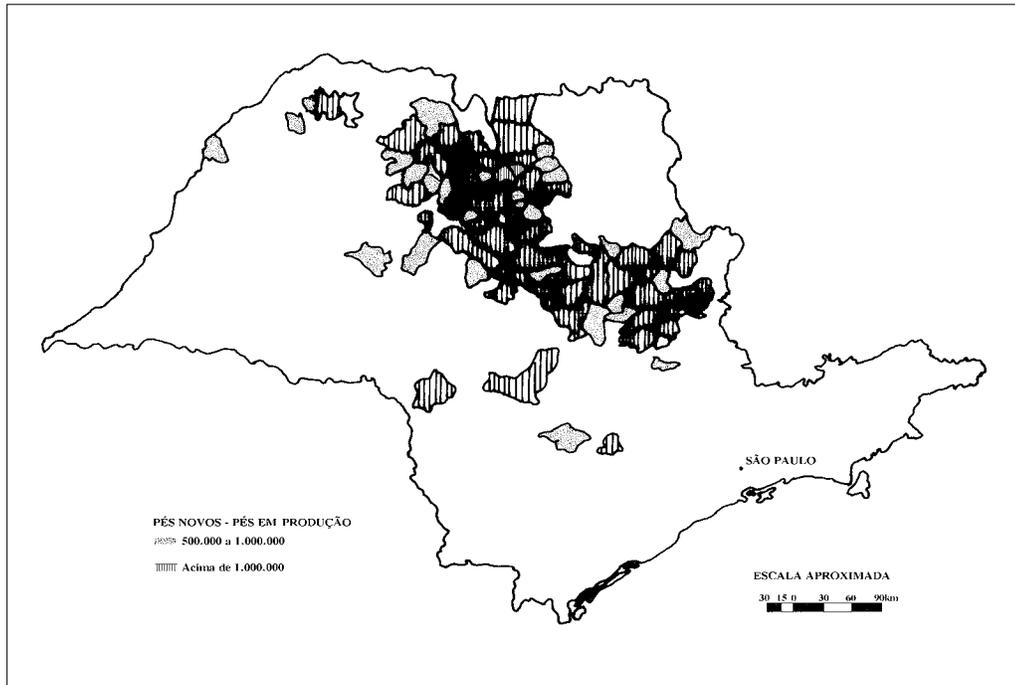


Figura 1 - Localização dos Pomares Novos e em Produção, Estado de São Paulo, 1994.
 Fonte: Instituto de Economia Agrícola.



Figura 2 - Localização das Indústrias de Suco de Laranja, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1994.
 Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1 - Distribuição dos Colhedores de Laranja por Empresa, Estado de São Paulo, 1994

Empresa	População			Amostra		
	Número de turmas	Número de colhedores	Colhedores por turma	Número de turmas	Número de colhedores	Colhedores por turma
Cutrale	466	13.337	28,6	2	27	13,5
Citrosuco	391	12.727	32,5	4	41	10,3
Coimbra-Frutesp	268	6.895	25,7	3	34	11,3
Cargill	113	3.136	27,8	3	41	13,7
Montecitrus	53	1.855	35,0	2	18	9,0
Bascitrus	46	1.550	33,7	3	28	9,3
Cambuhy	45	1.125	25,0	2	27	13,5
Branco Peres	32	756	23,6	3	29	9,7
CTM Citrus	29	752	25,9	4	49	11,5
Citrovita	29	730	25,2	2	21	10,5
Frutax	3	60	20,0	2	23	11,5
Total	1.455	42.923	29,5	30	335	11,2

Fonte: BAPTISTELLA (1996).

3.1 - Idade

À época do levantamento, a média de idade dos colhedores era de 33 anos, sendo que 60% tinham entre 18 e 37 anos e 86% estavam com idade inferior a 48 anos. Ponto a destacar é que a proporção de colhedores na faixa etária entre 14 e 17 anos era de apenas 9%. Ademais, nenhum deles tinha menos de 14 anos de idade, o que demonstrava que, de acordo com o levantamento, as empresas estavam atendendo integralmente ao disposto na Lei 8.069/90, que proíbe o trabalho a menores de 14 anos (Tabela 2).

TABELA 2 - Colhedor de Laranja, por Idade, Estado de São Paulo, 1994

Indústria	Mínima	Média	Máxima
A	15	30	60
B	19	36	67
C	14	33	49
D	16	36	68
E	15	33	61
F	15	28	54
G	15	32	64
H	15	27	51
I	17	36	59
J	14	27	54
K	18	28	46
Estado	14	33	68

Fonte: BAPTISTELLA (1996).

Cabe, também, destacar que as idades mínimas dos colhedores empregados por duas das empresas eram de 18 e 19 anos, enquanto em cinco das onze empresas registraram-se colhedores com mais de 60 anos de idade (máximo de 68).

Segundo FAIRCHILD (1976), economista do Departamento de Citrus da Flórida (FDOC), levantamento similar, com dados obtidos do Florida Farm Labor, em pesquisa conduzida pela Universidade da Flórida, mostrou que a média de idade dos colhedores naquele estado era de 41 anos e que quase 30% deles tinham menos de 50 anos. Ademais, apenas 14% dos colhedores tinham menos de 25 anos, contra 55% da força de trabalho rural nos Estados Unidos. Essa situação poderia vir a tornar-se um fator importante a ser considerado na disponibilidade de trabalho para a indústria cítrica na Flórida.

Ainda de acordo com esse autor, o rendimento médio de colheita de laranja na Flórida era de 2.224kg de fruta por dia em 7,3 horas de serviço (ou seja, 55 caixas de 40,8kg), revelando ser 12% maior que aquele registrado no presente estudo, de 1.998kg/dia (79,9 caixas de 25kg/dia). Evidentemente, vários fatores contribuem para essa diferença de desempenho, sendo por certo o mais importante a produtividade média por planta. Na safra 1994/95, a produtividade em São Paulo foi prejudicada por geadas em julho e prolongada seca que perdurou até meados de novembro.

Como era de se esperar, observou-se na pesquisa em São Paulo que a quantidade média de caixas colhidas por trabalhador por dia é maior entre aqueles com idade de 18 a 27 anos de idade (90 caixas/dia) e decresce nas demais faixas etárias: 76 caixas/dia na de 28 a 37 anos; 73 caixas/dia na dos menores de 18 anos; 71 caixas/dia na de 38 a 47 anos; e 67 caixas/dia na faixa de idade acima de 47 anos. Isso revela a combinação de habilidade e de resistência física dos colhedores.

3.2 - Sexo

De acordo com a pesquisa em São Paulo, 70% dos colhedores eram homens e 30% mulheres. Este valor era mais que o dobro daquela citada no estudo relativo à Flórida (14%), o qual ficava abaixo do índice americano de 24% para a força de trabalho das mulheres.

Pode-se apontar como principais fatores responsáveis por esse quadro o fato de ser a atividade de colheita bastante pesada e a separação entre a moradia e os pomares, o que cria um sério problema para as mulheres com filhos menores, que não podem levá-los para o local de trabalho e não têm com quem deixá-los. Por isso, morando nas cidades, muitas tornam-se lavadeiras, faxineiras, empregadas domésticas ou procuram arrumar ocupações que lhes permitam, pelo menos parcialmente, cuidar dos filhos. Deve-se atentar, ainda, que 63% dos colhedores entrevistados (tanto homens, como mulheres) afirmaram que o cônjuge também trabalhava fora, como forma de contribuir para a renda familiar.

3.3 - Estado Civil e Condição Familiar

Dos colhedores de laranja, em São Paulo, à época do levantamento, 49% eram casados, 45% solteiros, 4% separados e 2% eram viúvos (Figura 3).

Dentre os entrevistados, 55% tinham filhos, com média geral de 3 filhos por colhedor e máximo de 11 (Tabela 3). Os números mínimo e máximo de filhos por colhedor dependem de sua idade (Figura 4). A amplitude de variação do número de filhos aumenta com a idade do colhedor, primeiro, obviamente, porque colhedores mais velhos tiveram mais tempo de ter mais

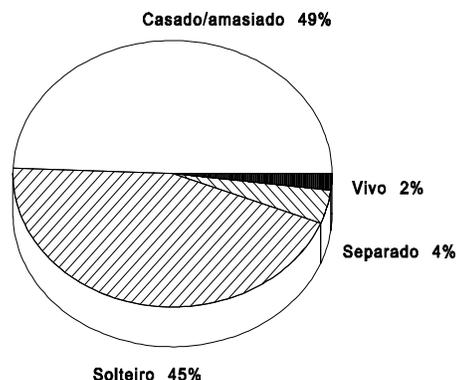


Figura 3 - Colhedor de Laranja, de acordo com o Estado Civil, Estado de São Paulo, 1994.

Fonte: BAPTISTELLA (1996).

TABELA 3 - Número de Filhos do Colhedor de Laranja, Estado de São Paulo, 1994

Indústria	Mínimo	Médio	Máximo
A	1	3	8
B	1	3	6
C	1	3	8
D	1	3	9
E	1	3	5
F	1	2	5
G	1	4	11
H	1	2	4
I	1	4	8
J	1	2	4
K	1	2	6
Estado	1	3	11

Fonte: BAPTISTELLA (1996).

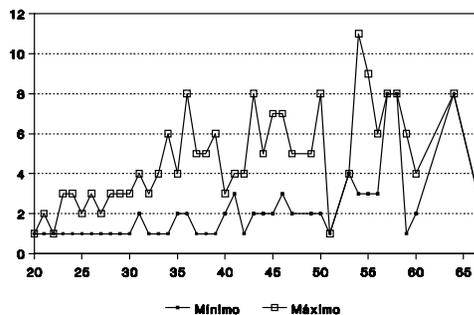


Figura 4 - Número de Filhos por Idade do Colhedor de Laranja, Estado de São Paulo, 1994.

Fonte: BAPTISTELLA (1996).

filhos, segundo, e mais importante, porque o número de filhos por família vem caindo entre os colhedores mais novos, seguindo uma tendência geral na população do País. Note-se que, o colhedor mais novo e com filhos tinha 20 anos, e que até 30 anos o número máximo de filhos era igual a três, ou seja, a média encontrada entre todos os colhedores. Esses dados permitem refutar a idéia popular de que tais pessoas tendem a ter muitos filhos, o que era verdade no passado, mas, já não se aplica aos mais novos.

Dos filhos de colhedores, 18% estavam na faixa etária de 0 a 6 anos, 14% de 7 a 10 anos, 24% de 11 a 17 anos, enquanto a maior proporção, de 43%, estava na faixa etária de mais de 18 anos de idade. Além disso, 44% dentre todos os filhos freqüentavam escola, à época do levantamento de campo. É provável que a maior parte das crianças em idade escolar estivessem freqüentando escola.

3.4 - Escolaridade

O relativamente baixo índice educacional dos colhedores de laranja pode ser evidenciado quando se observa, de acordo com a pesquisa, que apenas 5% tinham o 1º grau completo e que 6% não tinham nenhum estudo, sendo bastante alta a proporção, de 96%, dos que assinam o nome. Outrossim, 88% deles informaram que tinham o 1º grau incompleto. Chama a atenção o fato de que entre os colhedores de duas empresas não apareceu um caso sequer de pessoas que não tinham nenhum estudo, ao passo que entre os colhedores de outra empresa 31% declararam não ter nenhum estudo.

O problema da falta de estudo é mais grave para os jovens, que poderão se sentir inseguros no meio urbano e terão menores possibilidades de encontrar outros empregos na cidade ou até mesmo quando forem aumentadas as exigências para o trabalho de colheita.

3.5 - Sindicalização e Título de Eleitor

Conquanto à época do levantamento, a contribuição sindical dos colhedores estivesse sendo recolhida por todas as empresas, 95% dos colhedores não eram sindicalizados. Observou-se, também, que numa das empresas 100% dos colhedores não eram sindicalizados, enquanto o

menor índice de não sindicalização foi de 85% numa das empresas.

De outra parte, 91% dos colhedores tinham título de eleitor, chegando a 100% numa das empresas. Dessa forma, o universo de colhedores com menos de 16 anos, idade mínima para se tirar o título, fica reduzido a um máximo de 9% do universo de trabalhadores nessa atividade. Essa proporção é consistente com o fato de que 9% dos colhedores tinham idade entre 14 e 17 anos.

3.6 - Vida no Campo

A busca de melhores condições de vida e de trabalho pelo trabalhador rural ao deixar o campo em direção às cidades parece não atrair todos os colhedores de laranja, uma vez que 36% deles afirmaram que as pessoas vivem melhor no campo, enquanto para outros 23% é indiferente, e para 41% a vida na cidade é melhor (Figura 5). Vale observar que 69% dos colhedores declararam que os pais foram agricultores ou estiveram ligados às atividades agrícolas. Uma possível razão para a opinião daqueles que julgam que se vive melhor no campo é que, devido à sua falta de qualificação profissional, pode ser difícil conseguir se engajar no mercado de trabalho urbano.

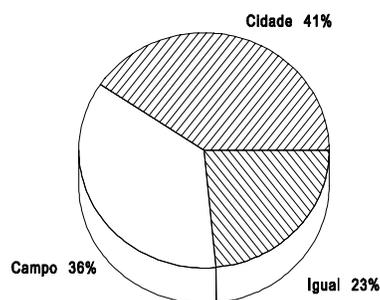


Figura 5 - Melhor Local para se Viver, segundo o Colhedor de Laranja, Estado de São Paulo, 1994.
Fonte: BAPTISTELLA (1996).

Diante desse quadro e das inúmeras casas de colônia fechadas nas propriedades agrícolas do País, fica a pergunta se não estaria na hora de se pensar numa política séria e justa para procurar resolver essa questão que aflige a tantos trabalhadores, particularmente aqueles

com idades superiores a 40 anos.

3.7 - Preferência por Contratos

Na safra 1994/95, dos colhedores arregimentados, 61% tinham preferência por serem contratados pelas indústrias, 23% por empreiteiro, 13% eram indiferentes a qualquer forma de contratação e 3% informaram outras opções (Figura 6). Essa informação retrata a importância do papel que tinham as empresas citricolas na organização dos contratos junto aos volantes, oferecendo-lhes garantia de registro em carteira, relativa estabilidade de serviços, pagamentos regulares, 13º salário, possibilidade de obter o seguro desemprego, dentre outras garantias que um trabalhador registrado possui, além de lhes proporcionar a possibilidade de abrir crediários, ou mesmo poder adquirir algum bem nas lojas da cidade.

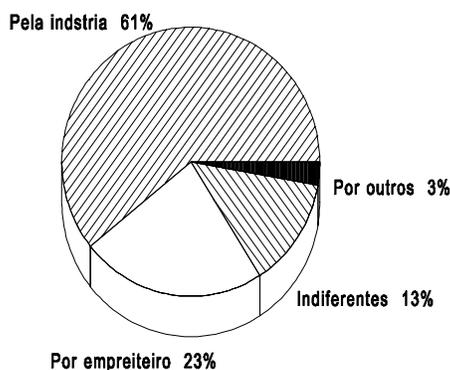


Figura 6 - Preferência de Contratação pelo Colhedor de Laranja, Estado de São Paulo, 1994.
Fonte: BAPTISTELLA (1996).

De outra parte, o argumento dos colhedores que tinham preferência por serem contra-

tados por empreiteiros e outros era a possibilidade de obter um valor maior por caixa colhida. A liberdade de mudar de empreiteiro, de colher outros produtos e depois voltar a colher laranja, de se empregar na cidade em serviços temporários ou não, enfim, não ter vínculo com qualquer empresa, significava para alguns possuir maior liberdade para conseguir mais dinheiro e trabalho quando e onde quisessem.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diagnóstico delineado neste estudo, ainda em fase preliminar de apresentação, poderá contribuir para traçar políticas para o setor citrícola de São Paulo, em particular quanto à força de trabalho para a colheita de uma produção ao redor de 300 milhões de caixas por ano, sem contar que o número de árvores plantadas a entrarem em produção está estimado em 37 milhões.

Há que se levar em conta que “a destinação das frutas para mesa, face à crescente exigência de qualidade do mercado consumidor, poderá se constituir em fator de alteração do padrão técnico da cultura da laranja, mantendo grande exigência de mão-de-obra. Por outro lado, com o aumento da destinação de frutas para as máquinas de produção do suco à vista do consumidor, a qualidade e a uniformidade da fruta passam a ser relevantes, e isso exige melhores cuidados na condução do pomar e sua colheita” (GONÇALVES, 1996).

Finalmente, é preciso ressaltar que as conclusões aqui apresentadas referem-se aos trabalhadores da colheita de laranja empregados pelas indústrias de sucos, que constituíam a quase totalidade em 1994, mas, que não incluíam os trabalhadores contratados por fruteiros e por produtores.

LITERATURA CITADA

- BAPTISTELLA, Celma S. L. **O trabalho volante na citricultura paulista**. 1996. Dissertação de Mestrado em elaboração.
- _____. ; PINO, Francisco A.; FRANCISCO, Vera L. F. S. **Levantamento da mão-de-obra rural na citricultura paulista**. 1996. no prelo.
- FAIRCHILD, Gary F. Profiles of Florida citrus pickers. **Citrus and Vegetable Magazine**, v.39, n.5, p.20-24, jan. 1976.

GONÇALVES, José S. Salário, emprego, modernização e sazonalidade na agropecuária: as contradições do processo excludente do desenvolvimento brasileiro. **Informações Econômicas**, SP, v.26, n.1, p.23-37, jan. 1996.

KISH, Leslie. **Survey sampling**. New York, Wiley, 1965.

PERFIL DO COLHEDOR DE CITROS NO ESTADO DE SÃO PAULO

SINOPSE: *Este artigo apresenta uma versão preliminar dos resultados de uma pesquisa mais ampla com levantamento por amostragem. Apresentam-se e discutem-se dados sobre idade, sexo, estado civil, número de filhos, escolaridade, sindicalização, título de eleitor e preferências dos colhedores de citros.*

Palavras-chave: *citros, trabalho rural, características demográficas, levantamento por amostragem.*

PROFILE OF CITRUS PICKERS IN THE STATE OF SAO PAULO, BRAZIL

ABSTRACT: *This paper presents a preliminary version of the results from a wider sample survey research. Data on age, sex, family status, number of children, education, trade-union membership, and preferences of citrus pickers are presented and discussed.*

Key-words: *citrus, rural labor, demographic characteristics, sample survey.*

Este trabalho é parte integrante do projeto SPTC 002/96. Recebido em 25/03/96. Liberado para publicação em 15/04/96.